

FORJANDO NOVAS DEMOCRACIAS NAS «MARGENS DO ATLÂNTICO»: QUANDO AS MULHERES SEM TERRA ROMPEM AS CERCAS DOS LATIFÚNDIOS SOCIAIS

Allene Carvalho Lage

Universidade de Coimbra

Resumo Este artigo é baseado numa intensa e prolongada experiência de observação participante realizada no Assentamento Jacaré-Curituba do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Sertão do Nordeste brasileiro. O espaço de reflexão proposto debruça-se sobre as «margens» do Atlântico, no sentido de expressar formas de democracia que estão em curso, à margem das teorias e concepções políticas e sociológicas dominantes. Neste sentido, pretende-se trazer uma perspectiva de lutas sociais, forjada por mulheres camponesas que, ao romperem com as mais diversas formas de exclusão, estão a derrubar as cercas dos «latifúndios sociais». Deste modo, ao se inserirem na luta pela reforma agrária do Brasil, estão a protagonizar, não apenas a luta pela conquista da terra mas, principalmente, a luta pelo direito de ser mulher-cidadã em espaços de luta culturalmente masculinos.

Palavras-chave mulheres, lutas femininas, democracia.

Introdução

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surgiu no final da década de 1970 num cenário de final de ditadura militar, abertura política e retomada do processo de democratização do Brasil. O marco do início deste Movimento foi a organização da primeira ocupação de terra – em Ronda Alta, estado do Rio Grande do Sul, no dia 7 de Setembro de 1979, realizada por um grupo de agricultores sem terra, apoiados pela Comissão Pastoral da Terra. A partir daí novas ocupações foram surgindo em outros estados brasileiros e o MST começou a ganhar projecção na luta pela Reforma Agrária, consolidando-se assim, territorialmente, como um movimento social de abrangência nacional.

No Sertão de Sergipe, a luta pela reforma agrária atinge o seu propósito mais legítimo, quando busca transformar o espaço político de poder das oligarquias – ou sistema de desigualdades sociais e de poderes cabrestos – em possibilidades mais democráticas de redistribuição de terras. É neste espaço político que está localizado o Assentamento Jacaré-Curituba, nascido de uma ocupação ocorrida no dia 12 de Março de 1996, na Fazenda Alto Bonito, no município de Poço Redondo, Sertão de Sergipe.

Se, por um lado, conquistar a terra é a primeira motivação que leva milhares de excluídos/as do campo a aderirem à luta pela reforma agrária, por outro, é a

possibilidade concreta de lutar por ela – e vencer – que faz com que o acampamento, surgido de uma ocupação, seja o primeiro espaço de cidadania conquistado por trabalhadores/as rurais. É dentro deste contexto, que esta comunicação pretende ser um contributo para a memória de lutas das mulheres trabalhadoras rurais Sem Terra do Assentamento Jacaré-Curituba.

Latifúndios sociais: rompendo as cercas, conquistando cidadanias

No âmbito desta comunicação, utilizo a ideia de «latifúndios sociais», como uma metáfora cultural para designar espaços de desigualdades de poder na relação de género, dentro dos espaços da luta pela reforma agrária. Pretendo dizer com isto, que a luta pela conquista da terra, dentro de um movimento da dimensão e importância do MST, é também uma luta interna por espaços democráticos, travada principalmente pelas mulheres, que visam derrubar cercas sociais e pensamentos consolidados sobre suas formas de estar e pensar no campo.

Por outro lado, se mudarmos a escala do olhar sobre a luta dos Sem Terra para a conquista do Assentamento Jacaré-Curituba, poderemos verificar que uma maior aproximação da realidade, traz também uma série de novos elementos. Presentes nos processos de luta pela conquista da terra, estes elementos são geralmente suprimidos durante a narrativa da história, devido principalmente ao facto de que esta parte, vivida mais intensamente pelas mulheres, escapa com frequência do olhar masculino, os tradicionais narradores da história.

Se para Maria Irene Ramalho (2001) a linguagem poética é o espaço da subversão, este mesmo espaço pode não ser um espaço da subversão identitária – masculino e feminino –, pois como acrescenta, na tradição da literatura clássica, as mulheres surgem prioritariamente, não como poetisas, mas como musas, mudas e de preferência mortas (Ramalho, 2001: 529). De facto, se, por um lado, no espaço da linguagem poética as mulheres são silenciadas, pelo outro, muitos são os espaços, incluindo o da ciência, onde a subversão só ocorre – e quando ocorre – por meio de lutas prolongadas, reivindicadas insistentemente e muitas vezes descredibilizadas.

Neste trabalho, busco subverter muitas destas lógicas, dando voz a seis mulheres Sem Terra que viveram o acampamento e continuam resistindo quotidianamente, até a implantação completa do assentamento, que se dará com a conclusão do projecto de irrigação. Durante o acampamento as vidas destas mulheres se cruzaram num esforço colectivo para permanecer na luta pela terra, na batalha quotidiana de sobrevivência e de resistência dentro do acampamento. Estas mulheres – Laudice, Rosa, Pepeta, Irandi, Netinha e Sueli¹ –, que em alguma

1 As mulheres entrevistadas foram: Laudice, 53 anos, 16 filhos – dia 03/10/2003; Rosa, 32 anos, 7 filhos – dia 02/10/2003; Pepeta, 42 anos, 3 filhos – dia 05/10/2003; Netinha, 35 anos, 7 filhos – dia 11/10/2003; Irandi, 30 anos, 1 filha – dia 09/10/2003; Sueli, 24 anos, 1 filha – dia 08/10/2003.

medida representam muitas outras mulheres do Assentamento, viveram intensamente estes dias de luta quotidiana pela conquista da terra.

Tinha barraco de lona que tinha duas, três pessoas dentro morando. Era aquela coisa, compartilhava a vida, a rede, a cama, seja lá como for. Facilitava assim, porque as mulheres têm muitos filhos... A gente organizava, a gente fazia pedágio para conseguir dinheiro para comprar remédio para a companheirada doente, para arrumar carro para levar a criança doente; para a alimentação também a gente fazia bloqueio. Fazia tanta coisa para poder mobilizar os políticos do Estado para que se resolvesse a situação da fome, da sede. (Sueli, diário de campo de Allene Lage: 08/10/2003)²

De facto, num enorme esforço em resistir às duras condições de vida, num acampamento com 700 famílias a viverem em barracos, partilhando a própria existência e alimentadas pelo sonho de um pedaço de chão, as mulheres, protagonistas do quotidiano do acampamento, teceram cada dia de luta com fios de coragem, solidariedade, mobilização e resistência, de modo a viabilizar o dia-a-dia do acampamento.

Havia muitas mulheres aqui. As mulheres conversavam muito sobre as coisas dos barracos e a vida que a gente levava, o sofrimento de viver no meio do tempo, às vezes no meio do tempo mesmo, tudo aberto. (...): Era... era muito difícil. A gente tinha medo, principalmente quem morava na beira da pista como eu e minha família. A gente tinha medo de bêbados, malandros, de bichos, de tudo. Eu quando era de noite cercava o meu barraco com paus, fazendo tipo uma cerca, de modo que os bichos não comessem meus filhos à noite... Eu tinha medo que isso acontecesse. (Rosa, diário de campo de Allene Lage: 02/10/2003)

Diante da certeza da vitória e de que o acampamento era a única possibilidade de um futuro diferente, as mulheres fincaram suas esperanças com firmeza, dando respostas às dificuldades e problemas que surgiam todos os dias no acampamento. Nesta direcção, as histórias de Laudice, Rosa, Pepeta, Irandi, Netinha e Sueli mostram, de facto, como era a vida no acampamento. Mostram também outras conquistas que estas mulheres foram alcançando, ao se afirmarem com uma participação qualitativa nos processos de luta.

A Sra. Laudice (53 anos) é uma dessas mulheres que transgrediram todas as possibilidades previstas para o seu destino. Abandonada pelo marido, conforme ela fala, conquistou seu pedaço de terra enfrentando todas as adversidades da luta, sozinha com sete filhos. Transgrediu também o que há de mais simbólico na identidade masculina do sertanejo: o universo da vaquerama, onde a figura len-

2 LAGE, Allene. (2004) Vozes e Memórias das Margens do Atlântico: O quotidiano de uma experiência com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Sertão de Sergipe – Diário de Campo do Brasil. 448 p. Coimbra: CES (documento interno).

dária do vaqueiro vive no imaginário de todo o povo do Sertão. A Sra. Laudice veste-se de vaqueira, monta num cavalo com destreza e acessa o universo dos vaqueiros. Apropria-se inclusive da linguagem, conforme se vê na fala a seguir, quando utiliza as palavras «frenteira» e «novilha»:

A gente fechava a pista, nós fazíamos viagem daqui até Aracajú de à pé [200 km]; foram feitas duas. Nós fomos até Monte Alegre; a gente fazia marcha para todo canto. (...) Muitas mulheres, mulheres por grandeza. (...) E alegres. A gente passava o dia todo no sol, em pé fazendo mobilização. O sol pingava, mas as mulheres ficavam firmes, animadas. O pessoal gritava: – Fazer reforma agrária quando? E as mulheres respondiam: – Já!!!. A gente gritou até que um dia chegou.

Pepeta era a frenteira, era a novilha. Ela era a frenteira e as outras acompanhavam. Eu, Pepeta, Dorinha e meio mundo de mulheres. Mulheres por grandeza. Se eu for contar não acabo hoje... Silvia, Angelita, dona Dora, dona Zabé... Ninguém tinha medo de nada, só dos castigos de Deus. (Laudice, diário de campo de Allene Lage: 03/10/2003)

De facto, a vivência no acampamento, como primeiro momento da luta e intenso processo de socialização e politização dos/as Sem Terra, foi também o espaço que se abriu para estas mulheres participarem com uma actuação mais visível. Esta oportunidade, que inicialmente estaria voltada para a gestão quotidiana do acampamento nas questões domésticas, foi logo subvertida em espaços de emancipação, construídos em cima de redes de solidariedades e aprendizagens.

Para nós Sem Terra, a terra não significa somente terra. Significa muito mais... Significa a nossa Luta. Vamos deixar para nossos filhos mais que terra, vamos deixar uma história por trás de cada palmo de terra. Vamos deixar terra com história (Irândi, diário de campo de Allene Lage: 29/06/2003).

Instaladas nas difíceis condições do acampamento, estas mulheres que sempre viveram isoladas com suas famílias, iniciam um aprendizado de vivência e sobrevivência colectiva, onde viriam a descobrir e ter acesso a processos democráticos nunca imaginados e a redes de solidariedades que viriam a ser construídas durante o acampamento.

Água para beber, era um sacrifício brabo. Tinha que pegar longe, com a lata na cabeça. Para lavar a roupa era com aqueles pinguinhos de água, eu tinha 7 filhos. (...) Então eu pegava um balde de água, só com um balde d'água, banhava os 6 meninos e ainda sobrava água para eu me banhar. Assim mesmo ainda tinha que ter água para lavar a louça. Para cozinhar, tinha que buscar água, tinha que ferver a água. A gente lá carregava tudo, carregava água, carregava roupa, carregava fogo, tudo vivia de um lado para outro e a gente ficava mais no meio do tempo. Cada coisa que a gente fazia era uma vitória! Viver naquelas condições e por tanto tempo foi uma vitória.

A nossa sorte é todos no acampamento eram amigos e a gente se ajudava, tiravam um pedaço de lona daqui colocam lá, juntavam com outro pedaço de lona e todo mundo ajeitava o seu barraco com o que era possível. Quando era noite, umas vezes eram os homens que ficavam vigiando e outras vezes eram as mulheres que passavam a noite vigiando. (Netinha, diário de campo de Allene Lage: 11/10/2003).

O sonho era maior que as dificuldades enfrentadas e este alimentava uma fé na conquista da terra. Pois se não é a luta e as formas de resistência quotidianas mais do um acto de fé num futuro melhor e diferente?

(...) nós fizemos os barraquinhos. Eu não tinha lona e não tinha com que comprar a lona... Então peguei as minhas cobertas, fiz um barraco com elas e depois coloquei meus 7 filhos dentro. (...) Quando tinha chuvarada era uma desgraça... Era chovendo e eu espremendo as cobertas que cobriam o barraco. Eu espremia e jogava para riba de novo. Passava o tempo todo nisso, brigando com a chuva. (...) O tanto que chovia era o tanto que pingava na gente. E aí eu ficava secando os panos até que o dia amanhecia. Chovia mais à noite e o acampamento ficava um lameiro só. Quando estava chovendo não parava de chover e, quando não estava chovendo o sol era de rachar. (Laudice, diário de campo de Allene Lage: 03/10/2003)

No acampamento tudo se traduzia num acto diário de bravura e superação, pois os problemas a serem enfrentados eram imensos. Desde os problemas básicos de alimentação, higiene, alguma privacidade, até a questão das escolas, do lixo e das mobilizações. Cada dia era um dia de luta a vencer, e foi essa vitória diária que foi tornando o presente possível, enquanto um futuro estava a ser construído. Foram quase 3 anos de luta, desde o primeiro acto de ocupação até a posse da terra e a construção das casas, onde muitas delas cavaram com as próprias mãos o alicerce de seus lares, agora de tijolo, cimento e telhado.

A minha casa, como na época eu era sozinha, não era casada, eu era sozinha, então a minha casa foi eu mesma que cavei o alicerce, fui eu mesma que fiz o buraco da minha fossa, fui eu mesma que cavei o buraco da minha cisterna, foi assim tudo eu, eu, eu e eu. (Irândi, diário de campo de Allene Lage: 09/10/2003)

De facto, o caminhar da luta tecia também formas de alternativas de solidariedades. Neste sentido, o embate quotidiano da luta por inclusão construía não apenas redes de solidariedades, mas principalmente, estratégias cada vez mais inclusivas de actuação conjunta. A consolidação da luta e a vitória conquistada a cada dia, por estas mulheres vencedoras, finalmente é alcançada... A luta foi além da conquista da terra.

Ave Maria! Foi uma emoção tão grande do mundo quando disseram que o meu lote ia ficar na beira da pista e minha casa ia ser aqui. Eu fiquei tão alegre no mundo que eu nem sabia onde estava; para mim eu estava sonhando. Eu dizia: – Eu só acredito

quando chegar o material para trabalhar na minha casa. Foi quando eu fiquei tranquila. (...) A Luta foi pesada. Ninguém tem nada sem luta, só tem na Luta. (Laudice, diário de campo de Allene Lage: 03/10/2003)

Forjando novas democracias

A luta das mulheres Sem Terra dentro da luta da reforma agrária, desempenhou um importante papel no período do acampamento, protagonizando avanços e conquistando espaços de emancipação. Por sua vez, a participação activa, tanto na gestão quotidiana dos acampamentos e assentamentos, como nas mobilizações e demais actos do MST, criou uma experiência politizada para muitas mulheres, transformando olhares e criando novos comportamentos. As mulheres conquistaram seus espaços de cidadania em todas as acções do Movimento.

– Hoje você se sente mais cidadã do que se sentia antes de entrar para os Sem Terra?
Pepeta: – De certeza. Antes eu não participava em nenhuma organização, era uma pessoa totalmente excluída... Não tinha casa para morar, não tinha um emprego, não tinha como sobreviver. Esperava por nada...

– Você acha que sem as mulheres o Movimento teria avançado tanto aqui no Sertão?
Pepeta: – Sem as mulheres? [Pepeta sorriu] Tem que ter a participação das duas coisas: das mulheres, dos homens e também das crianças. Não existe organização se não tiver um colectivo de mulheres e homens. Eu acho que qualquer organização precisa de homens e de mulheres. No geral as mulheres são largadas, não são incluídas em nada, não podem participar... Mas aqui no Movimento é diferente, as mulheres participaram de tudo, de igual. Eu acho que as mulheres ajudaram a sustentar o Movimento, as mulheres ajudaram o Movimento a crescer... A participação tem que ter mulheres, se não, não é participação. (Pepeta, diário de campo de Allene Lage: 05/10/2003)

Contudo, ao transpor todas estas experiências e vivências das mulheres Sem Terra para organização do assentamento, é fácil perceber que esta não foi feita na mesma intensidade da participação das mulheres no período do acampamento. Há uma baixíssima representatividade feminina nas funções de liderança do assentamento, com excepção da educação, que sempre foi uma área privilegiada das mulheres. Contudo, é também bem visível, uma consciência política, principalmente por parte delas sobre esta desigualdade de poder, responsabilidades e divisão do trabalho; há uma permanente demanda das mulheres por mais participação o que as distingue de outras mulheres do campo que não passaram por processos de cidadania deste tipo. Esta consciência política, por sua vez, se traduz num quotidiano de uma constante batalha por novas conquistas, onde as cercas dos latifúndios continuam a ser derrubadas e as novas formas de democracia a serem forjadas pelas mãos destas mulheres.

Referências Bibliográficas

- Lage, Allene. (2004), *Voices e Memórias das Margens do Atlântico: O quotidiano de uma experiência com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Sertão de Sergipe – Diário de Campo do Brasil*, 448 pp., Coimbra, CES (documento interno).
- Ramalho, Maria Irene. (2001), *A sogra de Rute ou intersexualidades*, in Santos, Boaventura de Sousa (org.) (2002a), *Globalização: Fatalidade ou utopia*, Coleção: A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização, Porto, Edições Afrontamento.

Abstract

Shaping new democracies in the Atlantic «borders»: When Landless Women break through social latifundium's fences

This article is based in an intense and long experience of participant observation, which was carried out at the Jacaré-Curitiba Settlement of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (Peasant Workers With No Land Movement), in the North-east Brazilian Inland. The space of thought proposed is about the Atlantic «borders», in the sense of expressing ways of democracy which are in progress aside dominant political and sociological theories and conceptions. In this sense, we intend to bring forward a perspective of social struggles shaped by peasant women who are overthrowing social latifundiums' fences by breaking with different ways of exclusion. In this manner, by putting themselves in the struggle for Brazilian land reform, they play the lead role not only in the struggle for the conquest of land but, mainly, in the struggle for the right of being women citizens struggling in spaces culturally masculine.

Key words women, feminine struggles, democracies.

Résumé

Créant de nouvelles démocraties dans les «bords» de l'atlantique: quand les Femmes Sem Terra pénètrent les murs des latifundia sociaux

Cet article est basé sur une intense et longue expérience d'observation participante qui a été portée à l'«Assentamento Jacaré-Curitiba» du Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), dans l'Intérieur Du Nord-est Brésilien. L'espace de pensée proposé est au sujet des «bords» de l'Atlantique, dans le sens d'exprimer des chemins de démocratie qui sont en cours à la marge des théories et conceptions politiques et sociologiques dominantes. Dans ce sens, nous prétendons présenter une perspective de luttes sociales construite par des femmes paysannes qui, en rompant avec les plus diverses formes d'exclusion, pénètrent les murs des latifundia sociaux. De cette façon, en se faisant inclure dans la lutte pour la réforme brésilienne de la terre, elles jouent un rôle essentiel non seulement dans la lutte pour la conquête de terre mais aussi, principalement, dans la lutte pour le droit d'être des femmes citoyennes dans des espaces de lutte culturellement masculins.

Mots clés femmes, lutes féminins, démocraties.

Allene Carvalho Lage é Doutoranda em Sociologia na Universidade de Coimbra e Bolseira da CAPES/Brasil. Mestre em Administração Pública e Pós-Graduada em Gestão pela Qualidade. Tem artigos publicados na área de desenvolvimento, políticas públicas e mulheres no Brasil, Portugal e Espanha. Participação em projectos sociais com lideranças comunitárias no Brasil. Presidente da APEB-Coimbra – Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Coimbra (Gestão 2004-2005).
Página: <http://geocities.yahoo.com.br/allenelage>
E-mail: allenelage@yahoo.com.br

Artigo recebido em Janeiro de 2005 e aceite para publicação em Novembro de 2005.